almanaque

SAMBA DE TERREIRO

Nº 2 2025



SAMBA DE TERREIRO OU DE QUADRA?
Pág. ***7***

CANUDINHOS – BERÇO DO SAMBA EM FLORIANÓPOLIS.
Pág. ***9***

SALVE A COLORADO DO SEU MAÉ DA CUÍCA.
Pág. ***11***

A PIONEIRA NO PARTIDO ALTO NO SUL DO BRASIL.
Pág. ***14***

Projeto Samba de Terreiro Apresenta

Almanaque Samba de Terreiro
Florianópolis nº2

Equipe
(pesquisa, texto, seleção e organização de imagens)
Carlos Alberto Raulino
Jaqueline Henrique Cardoso

Desenho original da capa:
Guimarães Rocha

Projeto gráfico:
Mario Tarcitano

Diagramação:
André Castro

Correção Ortográfica:
Elaine Delatorre

Agradecimentos:
Aos fotógrafos Joaquim Corrêa, Sérgio Vignes, Velho Bruxo e Jô capoeira. Aos familiares parceiros Claudia Barbosa, José Antônio Jacinto Carriço, Celinho da Copa Lord, Silas de Oliveira Jr, Geisa Keti, Rosaria Rosa, Nagela e Vanessa (Oscar Silva). Aos artistas Manoel Raulino e Guimarães Rocha. Aos que nos enviaram fotografias (Seu Ari, Seu Lidio, Seu Domingos, Bley). A Guina Souza (SP) pelas pesquisas em jornais. A Cintia Guimarães pelo contato e pesquisa com as famílias de Oscar Silva e Maurilha. A Marcio de Souza pelo texto em homenagem ao seu Lidinho. A professora Ana Claudia de Oliveira Segura pela ficha catalográfica. Aos parceiros nos textos Quincas Avelino, Paulo Mathias e Onésio Meirelles. Ao ex integrante do Grupo Um Bom Partido Dinho pelos versos de improviso. A corretora ortográfica Elaine Delatorre. Aos integrantes do Projeto Samba de Terreiro Florianópolis.

Impressão:
Impressul Industria Gráfica Ltda

Tiragem:
500 exemplares

Almanaque Samba de Terreiro Florianópolis / Samba de Terreiro Florianópolis – vol. 2 (2025) – Florianópolis – Impressul Indústria Gráfica Ltda, 2022 – Il. color. 21 x 29,7cm
ISSN

1. Almanaque Samba de Terreiro Florianópolis – Periódicos.
I. Samba de Terreiro Florianópolis.
CDU 78(81) CDD 780.981

Foto: Joaquim Corrêa



Gravação do repertório no Teatro da Ubro.

ALMANAQUE
SAMBA DE TERREIRO II

Em 2022, tivemos a felicidade de lançar nosso primeiro Almanaque do Projeto Samba de Terreiro Florianópolis, o qual foi um sucesso entre o público frequentador das rodas na Escadaria do Rosário dos Homens Pretos e entre os amantes do samba de terreiro pelo Brasil e mundo afora. A publicação fez um passeio pelo Rio de Janeiro, adentrando o embrião das escolas de samba Deixa Falar, Portela, Mangueira, Império Serrano e Salgueiro, e também fez uma conexão com o samba em Florianópolis e suas primeiras escolas. Com esse material em mãos, visitamos escolas, museus, cafés e bares, debatendo e ampliando o conhecimento sobre o Samba de Terreiro em diferentes espaços. Essa longa e desafiadora empreitada nos mostrou que é possível conciliar o samba no pé das rodas com o conhecimento histórico sobre aquilo que nos dispomos a realizar com o projeto. Em nossa concepção, uma coisa não está desvinculada da outra. O samba é a cultura do nosso povo, e sua história merece ser difundida e preservada.

Com esse intuito, nós nos motivamos, mesmo que sem recursos públicos, a lançar nosso segundo Almanaque, desta vez, trazendo ao público um pouco das histórias do repertório das rodas de samba do Projeto Samba de Terreiro de Florianópolis, em especial aquele gravado durante a pandemia[1] no Teatro da Ubro, o qual já está disponível em todas as plataformas digitais gratuitamente. A gravação desse repertório teve como objetivo a preservação e a divulgação de uma rica base de sambas de terreiro produzidos por comunidades ligadas ao samba, tanto em grandes escolas de samba quanto em pequenas agremiações, em um período que antecedeu o surgimento dos sambas-enredo e a massificação do Carnaval.

A pesquisa para a construção do repertório abrangeu um período de quase meio século, entre 1928 e 1970, e se estendeu do Rio de Janeiro ao Sul do Brasil, mapeando, de forma pincelada, a produção musical de comunidades que incorporaram o samba de terreiro ou samba de quadra em suas manifestações culturais. Essa linha de samba representa os primórdios do samba nas comunidades afro-brasileiras e posteriormente tornou-se símbolo da identidade cultural brasileira. Suas letras e melodias, marcadas pela espontaneidade e pela força expressiva, continuam a inspirar compositores e intérpretes até os dias de hoje. A seleção dos sambas para este estudo de repertório e para este segundo almanaque foi realizada de forma rigorosa e com o suporte de uma variedade de fontes, com o objetivo de representar a diversidade e a riqueza do samba de terreiro brasileiro.

Além do passeio pelo repertório recentemente gravado, abrimos espaço para alguns textos, que dialogam, complementam e enriquecem os meandros do samba de terreiro no Brasil. Espera-se que este trabalho contribua para a valorização e a divulgação desse importante patrimônio cultural.

Boa leitura e bons estudos!

Jaqueline Henrique Cardoso[2] e Carlos Alberto Raulino[3].

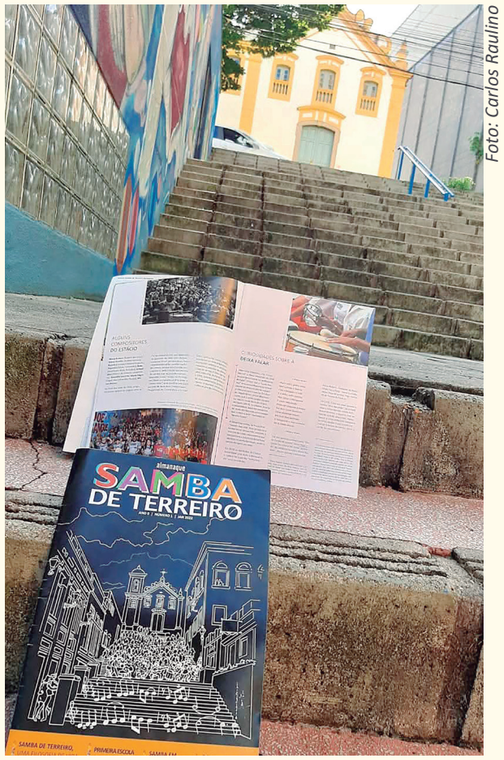


Foto: Carlos Raulino

Almanaque Samba de Terreiro na Escadaria do Rosário dos Homens Pretos.

1 Foram realizadas quatro lives no Teatro da Ubro, com recursos advindos do Edital Aldir Blanc II Estadual SC – Prêmio de Reconhecimento por Trajetória Cultural (2021). Todos os trâmites legais foram realizados para a gravação das obras e suas divulgações nas plataformas digitais.

2 Historiadora, produtora cultural e pesquisadora de samba. Participou da produção-executiva do Projeto Samba de Terreiro Florianópolis entre os anos 2017 e 2022 e da equipe responsável pela pesquisa, texto e organização do Primeiro Almanaque de Samba de Terreiro. Em 2025 passou a fazer parte do corpo de pastoras do referido projeto.

3 Produtor Cultural e pesquisador de samba há mais de 30 anos. Foi fundador da Velha Guarda da S.R.C.S. Embaixada Copa Lord, do Grupo Um Bom Partido, das Pastorinhas no Samba de Florianópolis e do Projeto Samba de Terreiro Florianópolis. Também contribuiu na formação do grupo musical da Velha Guarda das Escolas de Samba Coloninha e dos Protegidos da Princesa.

Salve Seu Lidinho!

Esta publicação é uma homenagem àquele que dedicou tantos anos ao samba e alegrou nossas vidas, o grande passista da Embaixada Copa Lord e integrante do Projeto de Samba de Terreiro, Lídio Augusto Costa Filho (28/10/1940 – 05/08/2024), carinhosamente chamado por todos de Seu Lidinho. O Samba de Florianópolis agradece sua existência e honrará seu legado.

Abaixo, a homenagem do Professor Márcio de Souza, publicada em suas redes sociais em 05/08/2024.[4]



Foto: Joaquim Corrêa

Seu Lidinho.

Recebi uma mensagem, agora mesmo, lá do outro plano, informando que o Seu Lidinho chegou bem. E foi recepcionado pelo JB , que lhe disse: “Lidinho, eu já estava sentindo a falta de um parceiro pra me acompanhar no samba dessa Avenida Celestial".

Lidinho, com seu jeito tímido e delicado, esboçou um sorriso de contentamento pela recepção e por ter garantia das providências que JB iria tomar para garantir seu bem-estar.[5] JB anunciou que já tem uma rapaziada e cabrochas que desejam revê-lo. Seu Lidinho disse de pronto: "Já sei quem é a primeira pessoa que deseja me ver, é a Tide!". JB emendou: "Acertou!". E logo se ouviu um estrondoso barulho, que pensavam ser um trovão, mas era a gargalhada alegre da Erotides (Tide), que disse: "Pensei que tu irias ficar lá no outro lado para sempre. Vem cá e me dá um abraço, pra curar essa saudade, afinal de contas, a gente se conhece desde a época que foste morar lá no Morro do Céu.".

Tide recomendou que Lidinho fosse descansar um pouco, isso porque a notícia da sua chegada já tinha provocado algumas iniciativas que deixaram São Pedro preocupado. Segundo comentários de um auxiliar do Santo, que regula a entrada no Céu, o Roleta já preparava uma possível Escola de Samba e o Cal reivindicava a abertura de um Bar. Entretanto, uma manifestação do Seu Avevú[sic], Hélio Cabrinha e, depois o Dica, Dona Geninha, Armandino Gonzaga e Dona Didi resolveram que seria uma única Escola de Samba, com Rato, César e Stenio Soeiro tomando conta da Bateria. Porém, o Airton Oliveira daria as licenças para o desfile no Céu, autorizadas pelo Santo. E o mais importante, decidiram que o ÚNICO PASSISTA SERIA O SEU LIDINHO, pois sempre foi o mais cavalheiro, generoso e educado que já pisou em Florianópolis”.

4 https://www.facebook.com/share/p/15EBK4pWX8/

5 João Batista Costa (JB) ator reconhecido por interpretar o poeta Cruz e Souza e grande parceiro na cultura em Florianópolis. Faleceu em 02/02/2024.

ÍNDICE

7 SAMBAS DE TERREIRO OU DE QUADRA?

9 CANUDINHOS

10 HOMENAGEM A VALMIR CARRIÇO

11 SALVE A COLORADO DO SEU MAÉ DA CUÍCA

12 UNIDOS DA COLONINHA

13 OS PROTEGIDOS DA PRINCESA

14 PRIMEIRA MULHER COMPONDO SAMBA NO SUL DO BRASIL

16 A PIONEIRA NO PARTIDO ALTO NO SUL DO BRASIL

17 GURUFIM E AS HOMENAGENS AOS SAMBISTAS QUE MORRERAM.

30 “SALVE O VELHO ESTÁCIO, SALVE A MALANDRAGEM”



Foto: Sérgio Vignes

Seu Lídio percorrendo as ruas da cidade em busca de um samba.

O ano de 2024 marca a perda do querido Seu Lidinho. Sua história como passista da Embaixada Copa Lord remonta os anos 1960, quando, ainda jovem, já desfilava representando seu pavilhão amarelo, vermelho e branco.

Certa vez, Carlos Raulino comentou com Seu Lídio que outro integrante da Velha Guarda (seu Ari) havia trazido uma foto de sua juventude. Seu Lídio ficou com isso na cabeça e colocou na carteira uma foto sua jovem como passista de sua escola do coração. Ele então disse: "O primeiro almanaque só tem foto atual da gente, como se a nossa história não fosse antiga. No próximo, eu quero que tu coloque essa aqui, porque eu comecei bem jovem no Copa".

A foto cedida é um valioso documento histórico que nos transporta para o vibrante Carnaval de 1962, quando a Copa Lord saiu campeã do desfile com o samba do Bloco Carnavalesco Canários das Laranjeiras (RJ). A imagem captura o passista trajando o figurino da ala Malandrinhos, que fez muito sucesso no Carnaval daquele ano. A ala chefiada por Lidinho era composta por nove trabalhadores flanelinhas, demonstrando a expressividade popular no Carnaval, onde grupos de trabalhadores encontravam espaço para manifestar sua arte e sua alegria.

Registrar a história de seu Lidinho é uma forma de honrar sua memória e o grande trabalho que ele realizou para a história do Carnaval de Florianópolis.

"Vejam que crueldade, morreu o passista da nossa sociedade..."



Foto: Acervo de família.

Seu Lidinho como passista na Juventude.

SAMBAS DE TERREIRO OU DE QUADRA?

Muitas pessoas, até mesmo sambistas atuais, só conhecem samba de enredo das escolas de samba, não sabendo da existência do samba de terreiro e de quadra.

Quando surgiram as primeiras escolas de samba, lá pela década de 1920, os ensaios eram realizados em terrenos livres, cujo chão era de barro ou de terra. Os sambas feitos para os ensaios eram chamados de sambas de terreiro, com letras curtas e melodias animadas. Suas letras tinham temas ligados a situações do dia a dia, como desilusões amorosas, deboches e críticas. Nesse contexto, as pastoras, lideradas pelo ensaiador (diretor de harmonia) iam sambando e levantando poeira involuntariamente.

Os sambas que eram cantados nos desfiles até a década de 1940 eram esses de terreiro, pois ainda não havia enredos específicos. A partir desse período, as escolas de samba começaram a apresentar enredos com temas nacionais, e os sambas de terreiro passaram a ser para o aquecimento da bateria.

Os ensaios continuaram sendo realizados com sambas de terreiro até o início do processo de escolha do samba de enredo de cada escola, o qual geralmente ocorria quase próximo ao Carnaval. Até a década de 1960 foi assim: primeiro, cantavam os sambas de terreiro, e depois, os sambas de enredo.

Com a evolução através do tempo e o crescimento das escolas de samba, o local de origem dos seus ensaios se tornavam pequenos para o público que começava a receber. A Mangueira saiu de sua sede e dos ensaios no Buraco Quente (Rua Saião Lobato), e passou a ensaiar na quadra do Esporte Clube Cerâmica, na Rua Visconde de Niterói. A Portela começou também a ensaiar na quadra do Imperial Basquete Clube, em Madureira, e também no Mourisco. O Salgueiro, por sua vez, passou a ensaiar na quadra do Esporte Clube Maxuel no Andaraí. A Vila Isabel, na quadra do campo do América Futebol Clube, também no Andaraí. E outras escolas saíram de suas comunidades ou de seus redutos originais e começaram também a ensaiar em quadras ou ginásios de clubes esportivos. A partir desse momento, os sambas que eram de terreiro passaram a ser chamados de sambas de quadra.



Foto: Acervo do Projeto

Onesio Meirelles, em visita a Florianópolis, recebendo o primeiro Almanaque do Projeto Samba de Terreiro das mãos do coordenador Carlos Raulino.



A voz das pastôras e compositore
samba redimindo o morro escuro

PASTÔRAS DE MANGUEIRA APRENDEM NOVO SAMBA:
Durante o ensaio, o compositor que teve seu samba aprovado pela Comissão da Escola de Samba, distribui a letra (em papéizinhos) para que as pastôras o cantem.

Pastoras de Mangueira aprendendo um novo samba nos prospectos. Pesquisa de jornal de Guina Souza. Jornal O Cruzeiro, 19 de fevereiro de 1955.

Muitos desses sambas de terreiro ou de quadra, devido ao sucesso que faziam nos ensaios de suas escolas, começaram a chamar a atenção de cantores profissionais que se propunham a gravá-los e, ao tocar nas rádios, atingiam outro tipo de público, além dos sambistas.[6]

Paralelamente a isso, e também no final da década de 1960, os sambas enredos tiveram sua primeira gravação em disco de vinil. Sucesso total, vendagem acima da expectativa. A partir desse momento, o grupo principal das escolas de samba do Rio de Janeiro passou a ter seus sambas gravados ano a ano. Lançado sempre no mês de dezembro, próximo ao Natal, juntamente ao disco do cantor Roberto Carlos, era o mais comprado e tocado neste período.

Com o objetivo de fazer um LP (long-play) com mais qualidade e também antecipar o lançamento e as vendas, os responsáveis pela gravação passaram a dar um prazo mais curto para as escolas escolherem seus sambas enredos.

Assim, os sambas de quadra foram perdendo espaço e isso foi piorando ainda mais quando as escolas de samba passaram a cantar em seus ensaios os sambas enredos de outras agremiações de carnavais passados.

Os sambas de quadra foram desaparecendo e, na era do sambódromo, sumiram de vez. Com isso, os compositores ficaram sem espaço para mostrar suas criações inspiradas em motivos do cotidiano, só lhes restando concorrer a disputa de samba enredo. Com a onda de sambas encomendados aos "escritórios de samba", a tendência era o fim da Ala dos Compositores, que no passado revelou grandes nomes, como Cartola, Silas de Oliveira, Zé Ketti, Candeia, Monarco, Martinho da Vila e outros nomes que fizeram grandes sambas de terreiro ou de quadra em suas escolas de samba.

09 de Agosto de 2018.
Onésio Meirelles[7]

6 Por exemplo, o Samba "Leviana", do Compositor Zé Ketti, saiu dos ensaios da Portela em 1954 para ser gravado e ser sucesso na voz de Jamelão. O Samba "Vem chegando a madrugada", de Zuzuca e Noel Rosa de Oliveira, saiu do Salgueiro pra ser sucesso na voz de Jair Rodrigues (década de 1960). O samba "Tem Capoeira", do compositor Batista da Mangueira, fez grande sucesso também na voz de Jair Rodrigues, na mesma década. O samba "Vai no bexiga pra ver", de Geraldo Filme, saiu da Vai-Vai, grande escola de samba de São Paulo (década de 1970), e fez sucesso fora da escola também. Até Beth Carvalho o gravou.

7 Sambista, advogado, escritor e agente cultural nascido no Morro da Mangueira. Começou a desfilar na Estação Primeira de Mangueira aos dez anos de idade e dela nunca mais se afastou. É autor dos livros: "Minha Mangueira: coletânea de postagens de redes sociais.", "Zé Ketti e suas andanças por aí." e "Mangueira no tempo da minha avó.".



Canudinhos entre os anos 1940/1950. Foto envelhecida e ambientada com inteligência artificial. RAULINO, Rodrigo. 2025.



Foto: Acervo pessoal da família

Zininho, vestido de porta estandarte da Escola de Samba Narciso e Dião.

8 Também conhecido sem o "s" no final, Canudinho.

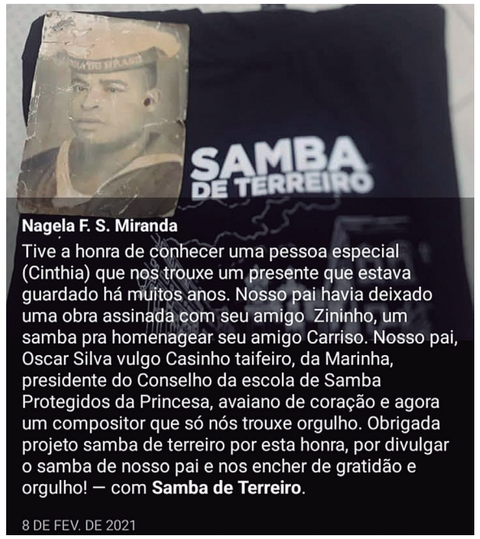
9 Essas pessoas vieram trabalhar no 5º Distrito Naval e fizeram um rico intercâmbio cultural com os bambas dos morros de Florianópolis. Para mais informações, consultar a primeira edição do Almanaque Samba de Terreiro.

CANUDINHOS[8]

Iniciamos nosso passeio pelo repertório do Projeto Samba de Terreiro Florianópolis revisitando a região dos Canudinhos, atual Rua Major Costa, no centro da cidade, ponto de encontro de bambas cariocas e moradores[9] dos morros locais, berço de diversos blocos e agremiações nas décadas de 1940 e 1950, entre elas Os Protegidos da Princesa e a Embaixada Copa Lord.

É também nessa região, numa das ruas que leva ao Morro da Caixa, que se encontra a Rua Nestor Passos, antigamente conhecida como Campos Novos. Nessa rua, estava localizada a casa do Libânio, onde se reuniam os integrantes da Escola-bloco Narciso e Dião e da Escola de Samba Os Protegidos da Princesa, da qual ele foi um dos fundadores. A localidade era rica em bananeiras, que além de fornecerem sombra e um ambiente agradável para os encontros, tornaram-se um símbolo marcante da identidade da Protegidos, aparecendo, inclusive, em seu hino. Sob a copa dessas árvores, os sambistas compunham, ensaiavam, celebravam a música e o fortalecimento dos laços de amizade.

Aos pés de diversos morros, esse local era muito frequentado por sambistas, marujos e moradores, formando um caldeirão de arte e cultura pouco conhecido pelas gerações atuais. Nesse cenário, marujos que aportavam na ilha encontravam um ambiente caloroso, ideal para formar famílias e se dedicar à música. Ali nasceu, em 1948, o primeiro samba da história das escolas de samba de Florianópolis, do Sariga, um embarcado da Companhia de Navegação Lloyd Brasileiro.



*Print de depoimento da filha de Oscar Silva em sua rede social junto da foto do pai e de camiseta do projeto. *Cintia Guimarães foi a responsável por realizar a pesquisa referente a Oscar Silva e inclusive promoveu o encontro entre as duas filhas do compositor que nem se conheciam.*

HOMENAGEM A VALMIR CARRIÇO

A primeira música do repertório, HOMENAGEM A VALMIR CARRIÇO, de 1965, envolve três figuras folclóricas da Escola de Samba Os Protegidos da Princesa: os compositores Oscar Silva - também conhecido como Casinho -, Zininho e o próprio Valmir Carriço, mestre de bateria da agremiação e morador do Morro da Caixa, que viria a falecer naquele mesmo ano.

A importância desse samba se estende além de sua beleza musical. A existência de um áudio original, que vem de um disco de 78 rotações, guardado pela família Carriço e cedido ao Projeto Samba de Terreiro pelo filho, Zezinho Carriço, e o neto de Valmir Carriço, torna essa obra ainda mais especial. Acredita-se que este seja o registro mais antigo, feito em disco, de samba de terreiro de escola de samba do Sul do Brasil, um verdadeiro documento histórico que nos permite viajar no tempo e vivenciar a emoção daquela época. Esse material foi fundamental para que músicos e pesquisadores pudessem estudar a melodia original do samba e compreenderem as nuances da interpretação da época. A preservação desse registro sonoro é crucial para garantir que as futuras gerações possam apreciar e conhecer a riqueza do nosso patrimônio musical.

HOMENAGEM À VALMIR CARRIÇO (Oscar Silva e Zininho, 1965) Os Protegidos da Princesa

Protegidos da Princesa
está de luto
O golpe foi demais
Perdemos o nosso amigo Carriço
Que na roda de bambas
Era um dos maiorais
Mesmo nas horas tristes de amargura
Estava sempre pronto ajudar
Vinha lá da Guanabara
Reunia a moçada
Fazia, a escola brilhar
Sofremos diversas crises
Até pra escola acabar
Mas quando ele chegava
O seu apito trilhava
E todo mundo voltava a trabalhar
Hoje fazendo três meses
Que ele nos deixou
Prestamos nossa homenagem
A Valmir Carriço
A saudade que ficou
Lalaia lalaia a saudade que ficou
Lalaia lalaia a saudade que ficou



Foto: Acervo do projeto

Carlos Raulino e Jaque Cardoso com Zezinho Carriço e o disco de 78 rotações.



Grupo Um Bom Partido com Seu Maé da Cuíca.

Acervo do grupo Um Bom Partido – família da Rosa

SAMBA DE TERREIRO NO SUL DO BRASIL

SALVE A COLORADO DO SEU MAÉ DA CUÍCA

Quando falamos em samba de terreiro de escola de samba no Sul do Brasil, não podemos deixar de mencionar figuras emblemáticas como Seu Maé da Cuíca e a Escola de Samba Colorado, que, desde os meados dos anos 1940 em Curitiba, foram pioneiros na preservação e difusão dessa rica tradição musical. Assim como em Florianópolis, onde sambistas como Sariga e Maurilha contribuíram significativamente para a história do samba, em Curitiba, Maé da Cuíca e seus companheiros construíram um legado que perdura até os dias de hoje.

O samba VILA TASSI é uma joia da história do samba paranaense, composto pelo saudoso Maé da Cuíca, que além de excelente compositor, era um mestre da cuíca. Maé tocou diversas vezes com o extinto Grupo Um Bom Partido, de Florianópolis, cujos membros compõem boa parte do Projeto Samba de Terreiro de Florianópolis.

A Vila Tassi, localizada em Curitiba, foi o berço da Escola de Samba Colorado, fundada em 1945. Essa escola, uma das pioneiras do samba no Sul do Brasil, desempenhou um papel fundamental na preservação e difusão da cultura negra, mostrando que nessa parte do país também havia samba. Em 1949, Maé da Cuíca compôs o samba "Vila Tassi' imortalizando a comunidade que o acolheu e onde a semente do samba foi plantada.



Acervo projeto Samba de Terreiro

Samba do Sindicatis – expoente do samba de terreiro de Curitiba na atualidade – recebendo o Almanaque do Samba de Terreiro Florianópolis.

VILA TASSI (Ismael Cordeiro, o Maé da Cuíca, 1949) Escola de Samba Colorado de Curitiba

Quem diria que a Vila Tassi
iria se acabar
Quem diria que somente
três casas
Iriam ficar
Elas ficaram pra mostrar no
carnaval
Que o samba lá da Vila
Sempre tem o seu lugar
A gente gostava
Quando à tardinha chegava
Embaixo das três árvores
O batuque começava
E a cuíca começava a roncar
Pra mostrar à vizinhança
O que era um samba ao luar

UNIDOS DA
COLONINHA

Enquanto, em Curitiba, a Vila Tassi era o berço do samba para Maé da Cuíca, em Florianópolis, outros talentos musicais também estavam despontando. No continente, mais precisamente no Estreito, a comunidade da Coloninha se destacava por sua rica tradição musical. A Escola de Samba Unidos da Coloninha, já no ano de 1962, demonstrava um grande talento para a composição de sambas, contribuindo significativamente para o cenário musical da cidade.

O legado da Unidos da Coloninha se estendeu por décadas, e um exemplo marcante disso é a história do samba COLONINHA DESCE O MORRO. Composto em 1962, esse samba se tornou um hino da escola e, anos mais tarde, seria resgatado pela Velha Guarda Show. "Colonina desce o morro" foi o samba do primeiro desfile da Unidos da Coloninha, a qual era uma escola mirim, pois durante três anos desfilou apenas com crianças, o que a tornou única no Carnaval da época. A autoria do samba é atribuída a "Pernambuco", um compositor cujo nome se perdeu na história, mas cuja obra deixou um legado inestimável.

Com o surgimento da Velha Guarda Show da Unidos, em meados de 2007, esse samba voltou a ser interpretado e ganhou nova vida. Graças à memória musical do saudoso Seu Aroldo e de outros integrantes da Velha Guarda, como Seu Tita, um dos fundadores da escola, o samba "Coloninha desce o morro" foi resgatado e passou a fazer parte do repertório da agremiação e agora do Projeto Samba de Terreiro de Florianópolis.



Foto: Acervo Bley

Ritmistas cariocas – da Escola de Aprendizes de Marinheiros na bateria dos Filhos do Netuno, Wilson, Duarte e Bley,1979. O Bloco que muitas vezes foi chamado de Escola de samba, agitava a região do bairro Estreito, tendo registro de desfile de 1955.

COLONINHA DESCE O MORRO (Pernambuco 1962)

Unidos da Coloninha
Desceu o morro com a sua escola de samba
Toda cidade escutando
O que a escola vai cantando
Unidos!
Escute o som da marcação
As frigideiras, os tamborins a repicar
E as pastoras a cantar com emoção
Tudo isso deixa a saudade não faz mal
Saudade da rainha que nos deu a liberdade
Liberdade pra brincar o carnaval



Foto: Acervo UFSC

Primeiro desfile da Unidos da Coloninha na praça XV, 1962. O menino a frente no desfile é o cantor consagrado em Florianópolis o Sabaráh.



Foto: Acervo Pessoal Carriço

Os Protegidos da Princesa

OS PROTEGIDOS
DA PRINCESA

O samba MAGIA DO MORRO fez muito sucesso nas comunidades do complexo do Morro da Cruz, marcando presença nas rádios nas décadas de 1960 e 1970. Composto por Zininho, que além de atuante nas rádios da cidade era integrante da Escola de Samba Os Protegidos da Princesa, esse samba conquistou o público e se tornou um marco na história musical da capital catarinense. A canção celebrava a beleza e a força dos moradores, que encontravam na música uma forma de expressar seus sentimentos e construir uma identidade própria.

Morro da Caixa, Morro do Céu, Morro do 25, Morro do Tico Tico e Morro do Mocotó foram alguns dos morros que vibraram ao som de "Magia do morro".

Segundo Dona Lica, integrante da Velha Guarda da Escola de Samba Os Protegidos da Princesa e seguidora dos passos de Dona Didi, grande baluarte da agremiação, "Magia do morro" era um dos sambas mais tocados nos bailes e ensaios da Escola.

MAGIA DO MORRO (Zininho, década de 1960) Os Protegidos da Princesa

Quem subir lá no morro
Vai ver a magia que o morro tem
Vai ver cabrochas gingando
Vai ver a roda de bambas
Vai ver a vida passando
Na cadência bonita do samba
E vai ver também
O que é que o morro tem
Que o malandro não troca por ninguém!



Foto: Acervo Domingos Fernando

Comissão de frente do Carnaval da Escola de samba do Kênia Clube de Joinville – afilhada de Os Protegidos da Princesa - em desfile na década de 1980. Da esquerda para direita: João Nestor Padilha, Eugênio Miranda (botiaco), Brandão Filho, João da Silva Domingos, Fernando Silva e o último da foto nome desconhecido.

AS PRIMEIRAS ESCOLAS DE SAMBA DE FLORIANÓPOLIS

A Escola de Samba Os Protegidos da Princesa, criada em 18 de outubro de 1948, contava, na época, com a participação de alguns componentes que foram do Bloco/Escola Narciso e Dião e formavam um grupo que não ultrapassava trinta pessoas. Estes se reuniam para ensaiar na casa do Libânio, na Rua Campos Novos, hoje Rua Nestor Passos, mostrando que a escola de samba nasce no Morro da Caixa e depois se muda para o Morro do Mocotó.

Registros da imprensa[10] da época nos levam a crer que Narciso e Dião foi o primeiro bloco a ser chamado de escola de samba em Florianópolis.

A fama de primeira escola de Floripa atribuída aos Protegidos da Princesa vem do hábito de, já no seu início, ser chamada de escola de samba, internamente, mesmo com uma estrutura de cordão[11], por isso ela é considerada a primeira escola de samba de Florianópolis. Em 1955, sete anos após a criação da "Protegidos da Princesa", um grupo de sambistas remanescentes do Bloco Narciso e Dião e também frequentadores do Morro da Caixa, reunidos nas proximidades do Bar do Tazo, resolveram fundar uma outra escola de samba. Nasce, assim, a Embaixada Copa Lord.



Fotoa: Acervo Família Carriço

Mestre sala e porta bandeiras de Os Protegidos da Princesa mostrando características de escolas de samba, já que agrupamentos – como ranchos, catumbi e cordões - fora do Rio usavam porta estandarte nesses finais de 1950.

10 “No carnaval de 1948, o jornal Diário da Tarde noticiou vários blocos da folia e uma escola de samba na direção Dião e Narciso.” (11 de fevereiro de 1948).
“Será um acontecimento para o Carnaval de 1947 a saída duma escola de samba com direção dos foliões catarinenses Tião e Narciso.”, escreveu “A Gazeta”, em de 12 de fevereiro de 1947”.
11 Tipo de agrupamento carnavalesco. Se diferenciava dos Ranchos Carnavalescos, pois não utilizavam instrumentos de sopro.

PRIMEIRA MULHER

COMPONDO SAMBA NO SUL DO BRASIL

O próximo samba tem uma mulher como compositora, Maurilha, moradora do Morro da Caixa e figura importante no cenário musical dos Canudinhos, mencionado anteriormente. Poetiza e compositora, ela foi, possivelmente, pioneira ao criar um samba de quadra feminino no Sul do Brasil, desafiando os padrões sociais de sua época. Em 1963, compôs um samba em homenagem ao seu sobrinho Ademir, passista da escola Copa Lord, que havia falecido. Por conta dos costumes daquele período, o samba foi assinado em parceria com seu marido, Valmir.

Segundo o caçula dos dez filhos do casal[12], sua mãe era uma mulher à frente de seu tempo. Além de compor esse samba, ela cantava, escrevia poesias e participava de concursos de calouros, algo comum entre as moças negras dessa época.

O samba HOMENAGEM AO PASSISTA ADEMIR, é um exemplo da sensibilidade e da força poética de Maurilha. A letra, repleta de emoção e saudade, retrata a dor da perda e a importância da família. Mesmo após se mudar para Porto Alegre, Maurilha manteve fortes laços com a comunidade do Morro da Caixa[13]. Sua família, tradicional na região , continua preservando sua memória e seu legado musical.

Maurilha foi uma pastora que amava o samba, representando a atuação feminina no passado nas comunidades. Sua história é um exemplo de força, determinação e paixão pela música, inspirando novas gerações de sambistas.



Seu Ari na Ala de Chocalho (ganzá) exclusivamente feminina no Copa Lord. Acervo pessoal Seu Ari. Data aproximada: Final dos anos 1960.



Foto: Acervo de Família

Foto de Maurilha, cedida pelo sobrinho Celinho da Copa Lord

“Reverências à Maurilha
e a honrar esse pavilhão
da Embaixada foi a pioneira”

HOMENAGEM À

PIONEIRA MAURILHA

A descoberta de que Maurilha, uma mulher, compunha sambas de quadra nos anos 1960, em Florianópolis, foi uma revelação para muitos dos tempos atuais. Ao tomar conhecimento da história dessa pioneira na composição de sambas no Sul do Brasil, a mestra de canto do nosso projeto, Jandira Souza, aceitou o desafio lançado pelo coordenador, Carlos Raulino, de compor um samba para homenageá-la. Com um verso que destaca a importância de Maurilha para a história do samba, Jandira compôs, no dia seguinte ao pedido, o samba A MAIS QUERIDA, uma bela homenagem à trajetória da compositora e poeta Maurilha.

HOMENAGEM AO PASSISTA ADEMIR (Maurilha Cunha e Valdir, 1961 a 1963)

Oh, Deus, quantas saudades
Sente a Embaixada Copa Lord
Vejam que crueldade
Morreu o passista de nossa sociedade (bis)
Nossa escola vai desfilar
Para nada auferir
Copa Lord quer brilhar
Em homenagem ao passista
Que foi Ademir
(Oh, Deus...)

A MAIS QUERIDA (Jandira Souza, 2022)

Vai começar a festa da mais querida
Com alegria meu povo vai chegar
Vamos deixar lá fora o amargo da vida
E ao natural, o samba no pé vai brotar
A Velha Guarda chega com elegância
Vejam só nossas crianças levantando poeira do chão
Sou Copa Lord
Embaixada é tradição
Amarelo vermelho e branco
É meu coração (bis)
Exalto a minha escola
Mas não sou a primeira
Reverências à Maurilha
E a honrar esse pavilhão
Da Embaixada foi a pioneira

12 Em entrevista concedida a Cintia Guimarães.
13 Era tia do conhecido sambista e compositor Celinho da Copa Lord, o qual cedeu a foto da compositora, que ilustra essa página.

A PIONEIRA NO

PARTIDO ALTO NO SUL DO BRASIL

Jandira Souza, carioca de nascimento e radicada na grande Florianópolis desde menina, também foi pioneira de sua geração, fazendo suas primeiras composições ainda criança. Sua história, pouco conhecida Brasil afora, merece nosso destaque e divulgação.

Nossa mestra de canto do projeto iniciou sua trajetória musical em 1997, quando foi convidada para ser uma das pastoras do Grupo Bom Partido, posteriormente chamado de Um Bom Partido. O grupo ficou conhecido na Grande Florianópolis por resgatar as raízes do bom e velho samba, pelo forte coral de suas pastoras e pelo uso de instrumentos tradicionais nas rodas de samba de outrora, como agogô, reco-reco de madeira, prato e faca, cuíca, pandeiro de couro, entre outros. Também se dedicavam a estilos musicais primos do samba, como o lundu, o maxixe e as vertentes do samba, como partido alto, samba-canção, samba de roda e samba do velho Estácio.

Ao longo dos mais de vinte anos dedicados ao samba, Jandira Souza teve a oportunidade de cantar e tocar ao lado de grandes sambistas, como Ivone Lara, Monarco, Tantinho e Xangô da Mangueira, Seu Jair do Patrocínio, Nelson Sargento, Maé da Cuíca, entre outros.

Jandira, além de grande compositora, cantora e percussionista, se destaca pelos versos de improviso de partido alto, tento vencido o 1º Festival de Partido Alto, no Rio de Janeiro, em 2002, organizado pela cantora carioca Dorina, ao lado de muitos bambas do samba, sendo ela a única mulher a participar do concurso. Jandira recebeu das mãos do Rei do Partido Alto, Xangô da Mangueira, o troféu e voltou para Floripa reconhecida como grande partideira pelos bambas dos versos de improviso.

Atualmente, Jandira faz parte do Projeto Samba de Terreiro Florianópolis, Samba da Antonieta, Coletivo Antonietas, Samba Yalodê, Samba de Casa, Mulheres na Roda de Samba e As pastorinhas do Samba de Florianópolis, além de realizar oficinas e shows autorais.

Jandira é uma referência em Florianópolis e grande incentivadora da inserção de mais mulheres no mundo do samba.



Acervo pessoal Jandira Souza



Foto: Acervo pessoal Jandira Souza, 2002.

Jandira Souza e Xangô da Mangueira – patrono do Concurso de Partido Alto que Jandira saiu vencedora e organizado pela cantora Dorina.



Foto: Acervo Velho Bruxo

Desfile Os Protegidos da Princesa, 1962. Seu Armandino Gonzaga puxando a fila com seu grande sorriso.

GURUFIM E AS HOMENAGENS

AOS SAMBISTAS QUE MORRERAM

O samba TRIBUTO A ARMANDINO GONZAGA, composto pelo Professor Lucas, dá destaque a duas figuras emblemáticas de Florianópolis, representantes das comunidades do samba ou dos morros de Florianópolis.

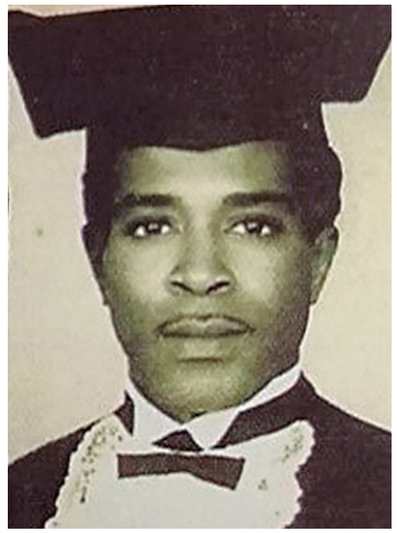
Armandino Gonzaga foi um grande líder, que começou sua trajetória musical como batuqueiro tocador de tamborim da Escola de Samba Os Protegidos da Princesa. Ao se casar com a pastora Uda Gonzaga, moradora do Morro da Caixa, se transfere para a Copa Lord. Era um homem que pensava além de seu tempo, com ideias inovadoras. Virou símbolo de ascensão do povo do Morro da Caixa, ajudou a transformar a Copa Lord em Sociedade Recreativa e Cultural, dando dignidade ao povo do morro. Foi presidente, carnavalesco e muito mais.

O Professor Lucas foi um intelectual que marcou época na educação catarinense, chegando a ocupar o cargo de diretor da Escola Estadual Lauro Müller, considerada uma das melhores escolas normais naqueles anos 1970, algo impensado para um homem negro na época.

Após a morte precoce de Armandino, em 1978, o professor compôs esse belo samba de terreiro, trilha sonora de ensaios da escola de samba, de rodas de samba do morro e, inclusive, de enterros de sambistas de Florianópolis.

TRIBUTO AO ARMANDINO GONZAGA (Professor Lucas, 1978)

Mas quem vem lá, de amarelo, vermelho e branco
Assim você cantava, com seu sorriso franco
Hoje a saudade em verso se transformou
Cantando pra um amigo
Que se foi pra longe
Todo mundo viu e chorou
E quando eu me encontro no morro
Por mais que procure
Não vejo você
Amigo
Viemos pra avenida
Com lágrimas sentidas
Para lhe exaltar (bis)
Lá, lá, laiá, a Copa Lord vem homenagear
Lá, lá, laiá, ao Armandino esse amigo sem par (bis)



Professor Lucas. Fonte: ROMÃO Jeruse Maria. A África está entre nós – história e cultura afro-brasileira. Livro 5, p.38, 2010.



Foto: Acervo Projeto Samba de Terreiro

Samba de Terreiro Florianópolis no II Cozido da Velha Guarda, 6/2025

BOA NOITE

PRIMEIRO SAMBA DE QUADRA DA COPA LORD

Antigamente, o samba de quadra era fundamental para aquecer os componentes antes dos desfiles das escolas de samba. Em 1956, a Embaixada Copa Lord, em Florianópolis, marcou a história do samba catarinense ao apresentar o samba de exaltação BOA NOITE que antecipou o samba-enredo “Vem forasteiro” (Avez-Vous). Esse samba, que celebrava o bicampeonato da escola, foi o primeiro samba de terreiro de uma escola de samba em Santa Catarina de que temos registro. Sua letra contagiante e melodia envolvente fizeram muito sucesso em 1956, contribuindo para consolidar a Copa Lord como uma das principais escolas de samba do estado.



Capela Nossa Senhora do Monte Serrat Desenho de Manoel Raulino inspirado em foto sedida por Dona Izete - moradora da Caixa D’água ou Morro do Copa.

Quando a Velha Guarda da Copa Lord foi fundada, em 2001, na montagem do repertório, os integrantes, liderados pela memória fértil de Avez-Vous, cantaram esse samba. Avez-Vous recebeu o samba de Auri da Ilha ou Auri de Coqueiros, compositor cuja história ainda guarda muitos mistérios, pois apesar de sua importância para a cultura musical de Florianópolis, pouco se sabe sobre sua vida e sua obra.

Em 2001, a interpretação da Velha Guarda deu nova vida ao samba, que continua a emocionar e a unir os amantes do samba até os dias de hoje.

BOA NOITE (Auri da Ilha, 1956) - Primeiro Samba de Quadra da Copa Lord

Boa-noite
Povo Florianopolitano
Hoje está fazendo um ano
Que a nossa escola brilhou
E a esse povo amigo
Que sempre nos incentivou
Prestamos nossa homenagem
E pedimos passagem (bis)
Aqui estamos novamente
Com a nossa apresentação
Nesta noite enluarada
Com a nossa querida Copa Lord
Que ano passado foi laureada
Sempre com a mesma cadência
Mostrando graça e beleza
Nesta Ilha de riqueza
Copa Lord, Copa Lord
Parabéns pelos louros da vitória
És a representação do morro
Teu nome já ficou na história (bis)

QUEM VEM LÁ?

É de 1965 o samba QUEM VEM LÁ?. Trezentos folhetos foram entregues com a letra desse samba antes do desfile da escola naquele ano. A Copa Lord veio com o samba-enredo "Florianópolis, paraíso do amor”, de Avez-Vous.

Esses panfletos serviram para eternizar o que viria a ser o hino da Escola de Samba Embaixada Copa Lord. O samba de embalo (samba de terreiro) “Quem vem lá?” é provavelmente um dos sambas mais conhecidos de todos os tempos em Santa Catarina, eternizando as cores “amarelo, vermelho e branco”.

Apesar das insinuações de que o samba teria vindo do Rio de Janeiro, talvez por sua beleza, Avez-Vous, um dos fundadores da Copa Lord, garantiu que o ex-goleiro do Avaí, Álvaro Fogão, trouxe uma parte do samba e ele completou.

Não podemos falar dos sambas nascidos em Florianópolis sem falar do Velho Estácio de Sá, onde nasceu o bloco carnavalesco que daria origem à primeira escola de samba do Brasil. E é para o Rio de Janeiro que agora nosso repertório viaja.



Foto: Acervo Velho Bruxo

Avez-Vous (Abelardo Henrique Blumenberg).

QUEM VEM LÁ? (Avez-Vous e Álvaro Fogão, 1965) - Samba de Embalo

Mas quem vem lá
De amarelo, vermelho
e branco
Levantando a poeira
do chão?
É a Copa Lord do Morro
da Caixa
Que vem bailando com
satisfação
Cantando, com harmonia
A sua linda melodia (bis)
Quem nunca viu
Venha ver
Tanta beleza para crer
Que faz sambar a própria
lua
E as estrelas também
Os arvoredos
Ficam bailando com
emoção
E os passarinhos
Vão cantando esta canção:
Lá, lá ,lá...
(Oi, quem vem lá?)

SAMBAS DO ESTÁCIO

“Deixa Falar” e “A União Faz a Força” embriões das Escolas de Samba

É bem provável que os sambistas do Estácio foram os criadores ou divulgadores de um novo tipo de samba que fez sucesso nos meados dos anos 1920. Inovaram o ritmo da batucada, introduzindo surdo, cuíca e tamborim. Apesar do desconhecimento dessa inovação em outros bairros, já se ouvia a melodia do novo samba no Bloco Carnavalesco União Faz a Força, tendo Mano Rubem, irmão de Bide, como líder e um dos seus fundadores. Os chamados “professores” que criaram a primeira escola de samba eram do Estácio, localidade onde surgiu a Deixa Falar, considerada a primeira Escola de Samba do Brasil.

E por falar em Estácio, nesta edição temos a participação de dois pesquisadores de peso dialogando sobre o velho Estácio – Paulo Mathias e Quincas Avelino - que nos honraram com partes de suas pesquisas sobre a temática. Nas últimas páginas do Almanaque, você consegue conferir essas preciosidades.

NOSSO TIME É O ESTÁCIO (Bide, 1928) - DEIXA FALAR[14]

Nunca perdemos
Sempre vencemos
O nosso time é o Estácio
Vamos pra balança
Não damos confiança
Peso é peso, braço é braço



Foto: Joaquim Corrêa

Parte da Velha Guarda do Copa Lord e Thiago Belizário do agrupamento de Samba de Terreiro Catumbi 27 do Rio de Janeiro.



Estação Dona Clara. Fonte: http://www.estacoesferrovia-rias.com.br/efcb_rj_linha_centro/donaclara.htm

ESTÁCIO, MANGUEIRA

ESTÁCIO, MANGUEIRA (Folclore)[15]

Estácio, Mangueira
Se for na Lapa tu
me faça um favor
Me leva um telegrama ao Bernardo
Pra ir em Dona
Clara pra falar
Com Mano Heitor

Esse lindo samba, que já foi cantado pela grande Clementina de Jesus, está cheio de simbolismos. O samba fala em “Dona Clara”, que tanto pode ser a estação de trem Dona Clara , como também, a Rua Dona Clara, em homenagem a Dona Clara Simões, proprietária das terras onde foi construída a estação de trem, um dos eixos importantes do bairro.

De forma geral, “Dona Clara”, em Madureira, era um lugar de gente bamba. Paulo da Portela convidou Mano Heitor para participar do samba do subúrbio, ajudando, assim, a divulgar o samba na cidade. Heitor dos Prazeres (Mano Heitor), famoso sambista e artista plástico, considerado e respeitado em toda a cidade, passou a ser um porta-voz de Osvaldo Cruz, no centro da cidade do Rio de Janeiro.

“Como se fosse um passarinho que bateu asas e depois voou”, como dizia esse verso feito pelo Dinho B.P. para esse samba do Estácio, os sambas na linha do Estácio ganharam o Morro de Mangueira e o Brasil.

14 Na gravação ao vivo do Projeto de Samba de Terreiro você poderá ouvir versos de improviso para esse samba de autoria de Dinho – irmão de Jandira e antigo integrante do Grupo Um Bom Partido.
15 Estação de trem Dona Clara, fundada em 1897, e que, em 1934, mudou de nome para Campinho. Foi desativada em 1937, com a eletrificação da E.F. Central do Brasil. As estações ferroviárias movimentaram o povo do samba em várias partes do país.

SAMBAS DA MANGUEIRA

ADEUS, MANGUEIRA

José Gomes da Costa, também conhecido como Zé Espinguela ou Zé Spinelli, foi um líder da cultura afro-brasileira. Era Pai de Santo, participou do Bloco Arengueiros e foi um dos fundadores da Estação Primeira de Mangueira. Foi o responsável por um dos primeiros concursos entre escolas de samba em 1929.

Após o Carnaval de 1944 [16], prevendo seu falecimento, Zé Espinguela tenta, mesmo enfraquecido, subir o Morro de Mangueira para dar adeus aos amigos. Dona Neuma – baluarte da Estação Primeira - relata em entrevista à jornalista Lena Martins que foi o morro que desceu para a despedida. Esse relato está presente no livro Escolas de Samba do Rio de Janeiro (p. 152 e 153), de Sérgio Cabral. No livro e na memória de alguns antigos mangueirenses, o samba ADEUS, MANGUEIRA é atribuído a Zé Espinguela. Todavia, pesquisas mais recentes apontam que Ventura e Geraldo Pereira compuseram a música no intuito de homenagear o pai de santo Zé Spinelli, que já estava adoecido.



China, criador da batida de surdo da Mangueira, Pesquisa de jornal de Guina Souza, 21 de março de 1936. O Cruzeiro.



Pesquisa de jornal de Guina Souza, 21 de março de 1936. O Cruzeiro.

ADEUS MANGUEIRA (Zé Espinguela) - Geraldo Pereira e Ventura

Bem que eu quero expirar
Mas existe um porém
Sinto a minha memória cansada
Esta simples melodia
Serve de último adeus
Adeus, escola de samba
Adeus, Mangueira, adeus
Adeus, escola de samba adeus
Eu vou partir chorando
Relembrando os versos meus
Que mais cedo ou mais tarde
É triste, é doloroso recordar
A orgia vai se acabar
Adeus Mangueira

16 Ele morreu em 25 de março de 1944.

LINDA DEMANDA

(Saturnino Gonçalves)

Continuando o passeio pela Estação Primeira, encontramos um relato no livro de Sérgio Cabral “As Escolas de Samba do Rio de Janeiro” (páginas 76 e 77), que ilustra bem como funcionava um terreiro de escola de samba por volta do ano de 1932. A passagem menciona a visita dos jornalistas Jofre Rodrigues, Mario Filho, Armando Reis, Carlos Pimentel e o cantor e radialista Almirante, ao terreiro da Estação Primeira, que ficava no alto do morro e cita o que ali presenciaram: “Mal entraram no terreiro e o samba começou. Todos cantavam com a sua voz mais forte e eram perto de oitenta, entre mulheres, homens e crianças. A bateria trabalhava também com a maior intensidade possível. [...] Uma mulher foi para o centro do terreiro e dançou a dança mais sensacional que se possa calcular. Entrou para o centro também um homem alto e forte. Os dois, um perto do outro, com o hálito quase se tocando, dançavam. Mangueira não fica na África, mas na cidade do Rio de Janeiro” (CABRAL, 2011, p. 77).

Saturnino Gonçalves – figura pouco conhecida – foi o primeiro presidente da Mangueira, e o samba abaixo é de sua autoria

LINDA DEMANDA (Saturnino Gonçalves)

Linda demanda
Existe no samba
E a nossa luta é sem rancor
Mangueira, Oswaldo Cruz, Estácio
Amizade, estreitos laços
Só por amor, por amor

NÃO FAZ, AMOR (Cartola e Noel Rosa)

Não faz amor, deixa-me dormir
Oh minha flor, tenha dó de mim
Sonhei, acordei assustado
Receoso que tivesses me enganado
(Eu não durmo sossegado)
Só tens ambição e vaidade
Não pensas na felicidade
E eu não descanso um momento
Por pensar que o teu amor é só fingimento
Mas eu vou entrar com meu jogo
Vou pôr a prova de fogo
A tua sincera amizade
Para ver se tu falaste verdade
NÃO FAZ AMOR!
Não faz amor, deixa-me dormir
Oh minha flor, tenha dó de mim
Sonhei, acordei assustado
Receoso que tivesses me enganado
(Eu não durmo sossegado)
Amar sem penar é bem raro
O verbo cumprir custa caro
Amor é bem fácil de achar
O que acho mais difícil é saber amar
O mundo tem suas surpresas
Mas nós temos nossas defesas
Por isso eu estou prevenido
Pra saber se sou ou não traído
NÃO FAZ AMOR!
Não faz amor, deixa-me dormir
Oh minha flor, tenha dó de mim
Sonhei, acordei assustado
Receoso que tivesses me enganado
(Eu não durmo sossegado)

NÃO FAZ, AMOR

Apesar de pouco lembrada, Cartola e Noel Rosa tinham uma relação de amizade. A bela harmonia do samba NÃO FAZ, AMOR, composto pelos dois, é prova disso. Noel frequentava a casa de Cartola no Morro da Mangueira. Lá, curava muita ressaca o Poeta da Vila, com os banhos de água fria da primeira mulher do Cartola, a pastora Deolinda.

No dia de São Sebastião, 20 de janeiro de 1936, a Mangueira homenageou Noel Rosa. Naquela noite, foram cantados somente sambas de Noel Rosa pela escola do Morro da Mangueira.

SAMBAS DA PORTELA

TESTE AO SAMBA é uma obra inovadora do compositor portelense Paulo da Portela. Esse samba é considerado um dos primeiros sambas-enredo da história, por relacionar o samba com as fantasias dos integrantes da agremiação.

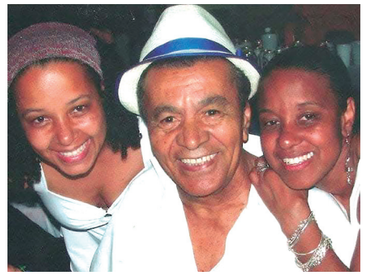
A Portela desfilou em 1939, na Praça Onze, com Paulo no tablado vestido de professor, em frente a comissão julgadora, entregando diplomas aos foliões da escola, que estavam fantasiados de alunos. O eterno “Fessor”, Mano Paulo, foi a atração maior daquele carnaval, onde a Portela conquistou o seu segundo título.



Seu Lídio e Monarco em uma de suas passagens pelo Sul do Brasil.

Fotos: Acervo Grupo Um Bom Partido

Pastoras Josiane e Jandira Rosa do Grupo Um Bom Partido e Monarco em uma de suas passagens pelo Sul do Brasil.



ESQUEÇA DE MIM

No início dos anos 2000, a Ilha de Santa Catarina recebeu a visita ilustre do saudoso mestre Monarco, discípulo fiel de Paulo da Portela, para realizar um show.

Monarco esteve diversas vezes por esta região nesse período. O sambista aproveitava o palco e o acompanhamento dos músicos do grupo local Um Bom Partido para compartilhar seus conhecimentos sobre o samba, cantando e contando histórias de sambistas importantes, sempre lembrando da antiga Portela. Para um desses shows em Florianópolis, Monarco selecionou um repertório basicamente de sambas de terreiro, o que levou ao estranhamento de alguns espectadores ao seu redor.

Algumas pessoas que estavam próximas a ele fizeram o seguinte questionamento: “O senhor vai tocar pontos?” (Uma referência aos cânticos entoados em Terreiros de Umbanda em reverência a entidades e orixás).

Ele sorriu e respondeu: “Pessoal, o samba de terreiro é aquele samba feito para um novo amor, ou a perda de um amor, ou mesmo para desilusão amorosa, uma traição. Essas temáticas inspiravam as composições que esquentavam os terreiros (locais onde se reuniam os integrantes das escolas de samba antigamente, posteriormente substituídos pelas quadras das agremiações).”.

Depois dessa explanação de Monarco, todos ao redor se deram conta de que samba de terreiro era o mesmo tipo de samba que em Florianópolis chamávamos de samba de quadra ou samba de embalo.

Em 2022, o Projeto Samba de Terreiro Florianópolis teve a felicidade de gravar o samba ESQUEÇA DE MIM, de Monarco e seu filho Mauro Diniz, gentilmente cedido pelo mestre ainda em vida.

TESTE AO SAMBA (Paulo da Portela)

Vou começar a aula
Perante a comissão
Muita atenção!
Eu quero ver
Se diplomá-los posso
Salve o fessor
Dá nota a ele, senhor
Quatorze com dois são doze
Noves fora tudo é nosso
Cem divididos por mil
Cada um com quanto fica
Não pergunte à caixa surda
Não peça cola à cuíca
Nós lá no morro
Vamos vivendo de amor
Estudando com carinho
O que nos passa o professor

ESQUEÇA DE MIM (Monarco e Mauro de Diniz)

Esqueça de mim
Porque nosso amor
Já chegou ao fim
Me esqueça por favor
Não me aborreça
Não me esquenta a cabeça
Deixe me em paz por favor
Não quero mais o teu amor
Esqueça...
Hoje você vem fazendo alarde
O tempo passou agora é tarde
Não vez que o mundo vai girando
Feito um velho carrossel
O destino escrevendo o seu papel
Vai siga em frente
Pela rua da amargura
Não é tão inocente criatura
Conheço bem o seu passado
E as juras que mais faz
Lamento hoje eu não te quero mais

PORTELA FELIZ

José Flores de Jesus, também conhecido como Zé Kéti, completou cem anos em 2021. Reconhecido como um dos grandes sambistas, é sempre lembrado nas rodas de samba pelo Brasil por seu repertório de muito sucesso.

O pseudônimo Zé Kéti surgiu quando ele ainda era criança e o chamavam de Zé Quietinho. Já na infância, ia com sua mãe à Praça Onze assistir ao desfile das escolas de samba. Depois de morar em Mangueira, mudou-se para Bento Ribeiro, quando foi levado para a Portela por seu Armando Santos, vindo a conviver com os sambistas históricos daquela escola. Ele fez diversos sambas de terreiro e sambas de exaltação para a sua querida Portela, e PORTELA FELIZ é um deles.

AO ROMPER DO SOL

São muitas as histórias sobre Paulo da Portela, sejam nas músicas exaltando o Príncipe Negro, sejam nas histórias contadas por sambistas. Monarco, seu Jair do Cavaquinho e Casquinha são alguns dos compositores com os quais mantivemos contato no começo dos anos 2000 aqui em Florianópolis.

As inúmeras referências sobre a importância do "Fessor Paulo", mencionam principalmente o seu protagonismo na defesa do reconhecimento social dos sambistas, suas exigências quanto à postura e ao vestir. Paulo visitava as casas das famílias, pedindo autorização dos pais para que deixassem suas filhas desfilarem em sua escola de samba, a "Vae como Pode", uns dos nomes usados pela Portela no seu início, acreditando que as mulheres trariam respeito ao samba. Pessoa notória e respeitada, sambista conhecedor da arte do samba, levava para o centro da cidade a cultura do povo de Osvaldo Cruz, um bairro rural afastado do centro.

Em muitos dos seus sambas, Paulo fazia menção aos pássaros, chegando mesmo a misturar os nomes de sambistas aos de pássaros.

Sabiá Paulo misturou o rural com o urbano, a África com o Brasil, dando sobrenome ao povo, lutando contra as tentativas de apagar a cultura popular.



Foto: Acervo Projeto Samba de Terreiro

Jaque Cardoso, Geisa Kéti, Carlos Raulino e Rosária Rosa.



Foto: Acervo da família

Zé Kéti na Casa da Mãe Joana, 1996.

PORTELA FELIZ (Zé Kéti)

Teus cavaquinhos, teus pandeiros
E as tuas cuícas
Teus tamborins, chocalhos e surdos
São uma tentação
Quem é que vem lá?
É o povo quem diz
Vem a Portela, a Portela feliz
Com a Velha Guarda
Que é uma tradição
Sua juventude bem vibrante a cantar
Um samba natural de Osvaldo Cruz
Que sem vaidade
Sempre deixa uma saudade
Portela do Paulo e do Claudionor
E de outros saudosos sambistas
Que Deus do Céu já levou
(Portela querida)
Não se humilha a ninguém
A todos quer muito bem
Seu negócio é sambar
Eu falo assim porque sou
Um dos poetas de lá

AO ROMPER DO SOL (Paulo da Portela)

Ao romper do sol
Ouvi o cantar do rouxinol
Cantando um hino em louvor
É o Mano Paulo dando vivas ao Claudionor



Silas de Oliveira e sua família. Em depoimento a Carlos Raulino, Silas Jr disse que essa casa ficava em Vaz Lobo, nos fundos da Escola Irmã Zélia. Sua mãe, Elane de Oliveira, era funcionária da Instituição e por isso conseguiu a moradia no local. Nesse lugar ficaram até a década de 1970 e foi onde Silas compôs os maiores sambas de enredo de sua trajetória como compositor, segundo o filho, pois o pais tinha permissão para pesquisar na vasta biblioteca da escola. Foi um momento marcante, pois foi quando se mudaram do Morro pro Asfalto.

CRUEL PAIXÃO (Silas de Oliveira e Daniel Santana)

Existe uma cruel paixão
Guardada em meu coração
Eu sei quem deixou
Foi meu primeiro amor
Vivo a cantar
Para ver se consigo olvidar
E não vê os meus olhos lágrimas
Amanhece, anoitece
Sei que nesse mundo
Tudo se fenece
Então porque essa paixão
Do meu coração
Não desaparece

SAMBAS DE QUADRA DO IMPÉRIO SERRANO

CRUEL PAIXÃO

Ficamos admirados ao descobrir através de nossas pesquisas que o gigante da música brasileira, Silas de Oliveira, ainda tem sambas que nunca foram gravados. Há uma gravação caseira de um samba do Silas na internet com a informação de ter sido um samba muito entoado na Balaiada, primeira sede da Escola de Samba Império Serrano. O registro pertence ao acervo Hermínio Bello de Carvalho. Uma obra-prima, tanto pela letra quanto pela melodia. O maior compositor de samba enredo de todos os tempos mostra que seus sambas de terreiro também estão no primeiro time. Conhecer CRUEL PAIXÃO foi um presente para nós, do Samba de Terreiro de Florianópolis.



Foto: Sérgio Vignes

Geisa Kéti (filha de Zé Kéti), Silas de Oliveira Jr (Filho de Silas de Oliveira) e Rosária Rosa (Filha de Noel Rosa de Oliveira) em visita a Florianópolis e ao Projeto Samba de Terreiro.



Foto: Jaque Cardoso

Projeto Samba de Terreiro recebe Geisa Kéti, Silas Jr e Rosária Rosa.

O BRANCO É PAZ, VERDE É ESPERANÇA

Em 1947, nasce o Império Serrano. Molequinho convocou o irmão Gradim, Eulália, Fuleiro, Silas de Oliveira, Zé Luiz, Manula, entre outros. O nome foi inspirado no Império da Tijuca, a coroa e as cores de sua bandeira surgiram das mãos do portelense Antônio Caetano (que já havia criado o desenho da bandeira da Portela). O Império Serrano surgiu de uma dissidência da Escola de Samba "Prazer da Serrinha", onde Seu Alfredo ditava as regras, gerando insatisfações e desagrados.

O BRANCO É PAZ, O VERDE É ESPERANÇA é o primeiro samba de terreiro (ou de quadra) do Império. Foi composto por Antenor, o criador das cores da agremiação, que não perdeu a oportunidade de explicar-lhes o simbolismo: o branco é paz, o verde é esperança.

O BRANCO É PAZ, VERDE É ESPERANÇA (Antenor Bexiga)

O branco é paz
O verde é esperança
Diz o ditado quem espera alcança
Eu esperei
E alcancei
Império tudo por ti farei

MEU DRAMA

O professor e pastor protestante Assumpção, pai de Silas de Oliveira, via o samba como uma manifestação do mal. Por essa razão, ficara gravado na memória de Silas, desde os tempos de criança, a palavra "tentação", e desta relação aparecera uma outra, "obsessão", as quais serão duas constantes temáticas nos seus sambas de quadra.

Um bom exemplo é o samba MEU DRAMA, composto em 1955 e entoado ao final das apresentações do Projeto Samba de Terreiro com todos os presentes de pé.

MEU DRAMA (Silas de Oliveira)

Sinto abalada minha calma
E embriagada minha alma
Efeito da tua sedução
Oh! Minha romântica senhora, tentação
Não deixes que eu venha sucumbir
Neste vendaval de paixão
Jamais pensei em minha vida
Sentir tamanha emoção
Será que o amor por ironia
Deu-me esta fantasia vestida de obsessão?
A ti confesso que me apaixonei
Será uma maldição? Não sei

SAMBAS DO SALGUEIRO

FLORES NO CAMINHO

Vejam só vocês a importância da família nas pesquisas feitas sobre velhos sambistas. As filhas de Noel Rosa de Oliveira, em especial Rosária, nos relataram que seu pai cantava esse belo samba em sua casa, passando-o para as filhas, que continuaram cantarolando essa obra até os dias de hoje. Uma obra inédita, do inesquecível Noel Rosa de Oliveira, que tivemos a honra de gravar.

OH! NEGA

O batuqueiro e partideiro Antenor Gargalhada foi um dos fundadores da Escola de Samba Azul e Branco, do Morro do Salgueiro. A Azul e Branco foi a última das três escolas do morro a aderir a união da qual se originaria a atual Salgueiro.

Antenor Gargalhada defendeu o Morro do Salgueiro de diversas maneiras. Lutou contra a desocupação do morro, requerida por um italiano que "comprou o morro" e se dizia dono do local. Antenor ficou conhecido também pelo pioneirismo dos seus sambas cantados pelas futuras gerações de sambistas do Salgueiro, com destaque para Geraldo Babão, que sempre exaltou o pioneirismo e a lenda de Antenor Gargalhada, considerado um dos maiores de todos os tempos no samba.

VEM CHEGANDO A MADRUGADA

Antigamente, havia um samba para "esquentar" os ensaios e o dia do desfile (samba de terreiro ou de quadra) e posteriormente vinha o samba-enredo.

O samba VEM CHEGANDO A MADRUGADA consegue sintetizar muito bem essa ideia. Primeiro, foi sucesso na quadra do Salgueiro e depois ganhou o Brasil inteiro.

FLORES NO CAMINHO (Direito reservado Noel Rosa de Oliveira)

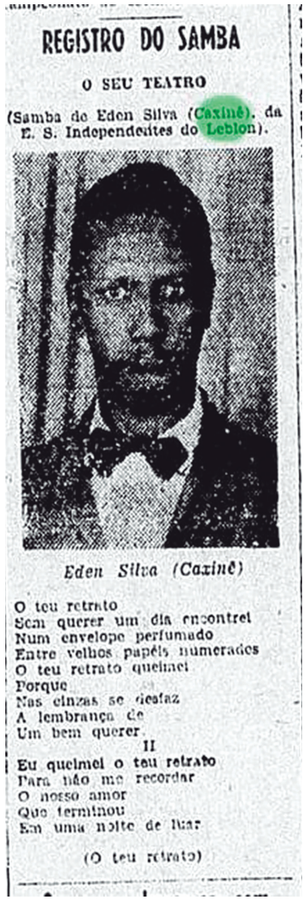
Quando você surgiu na minha vida
Pensei que fosse uma perdida
A procura de um novo amor
Pensei que fosse uma nova ilusão
Para magoar o meu coração
Mesmo assim eu aceitei
Hoje vejo que estava enganado
Tendo você ao meu lado
Sou feliz como ninguém
Eu vou cantar lara laiá
Para o mundo ouvir lara laiá
Que na vida nem tudo é espinho
Também existem flores no caminho

OH! NEGA (Antenor Gargalhada)

Oh! Nega, o que queres de mim?
Se não for muita coisa
Eu poderei lhe dar
Meu bem, eu quero é sossego
Uma casa mobiliada
Para nós dois morar

VEM CHEGANDO A MADRUGADA (Noel Rosa de Oliveira e Zuzuca do Salgueiro)

Vem chegando a madrugada, ô
O sereno vem caindo,
Cai, cai, sereno devagar
O meu amor está dormindo
Deixa eu dormir em paz
Que uma noite não é nada
Não acorde meu amor
Sereno da madrugada



REGISTRO DO SAMBA

O SEU TEATRO

(Samba de Eden Silva (Caxinê), da E. S. Independentes do Leblon).

Eden Silva (Caxinê)

O teu retrato
Sem querer um dia encontrei
Num envelope perfumado
Entre velhos papéis numerados
O teu retrato queimei
Porque
Nas cinzas se desfaz
A lembrança de
Um bem querer.

II

Eu queimei o teu retrato
Para não me recordar
O nosso amor
Que terminou
Em uma noite de luar

(O teu retrato)

Recorte de Jornal com foto de Caxiné. Pesquisa Guina Souza. Jornal A manhã 9/07/49.

FALAM DE MIM

Ao garimpar sambas para celebrar o centenário de Noel Rosa de Oliveira – marco que ocorreu em 2020, em meio à pandemia de COVID-19 – e honrar seu legado, chegamos até sua filha, Rosária. Gentilmente, ela nos forneceu acesso a diversas composições de Noel. Dentre elas, o belo samba FALAM DE MIM se destacou por sua forte conexão com as rodas do Samba de Terreiro de Florianópolis, onde essa obra é sempre executada.

FALAM DE MIM (Noel Rosa de Oliveira e Caxiné)

Falam de mim
Mas eu não ligo
Todo mundo sabe
Que eu sempre fui amigo
Um rapaz como eu
Não merece essa
ingratidão
Falam de mim, falam
de mim
Mas quem fala não
tem razão
Por ciúme ou por despeito
Falam de mim
Não está direito
Procederem assim
Meu coração, não merece
essa ingratidão
Falam de mim, falam
de mim
Mas quem fala não
tem razão!

SAMBA DURO NA BATUCADA

Ao fim dos ensaios, os sambistas de outrora bons nos versos de improviso se reuniam em uma roda e, no ritmo da palma da mão, tiravam um partido-alto na hora. Mas, afinal, de onde vem o partido-alto?



Foto: Sérgio Vignes

Jandira Souza e seu prato e faca.



Foto: Acervo família Carriço

Protegidos da Princesa, ano 1962

EM CASA DE BAIANA

Vem de meados de 1910 um bom exemplo de como era esse gênero, o partido-alto. O SAMBA EM CASA DE BAIANA, de autor desconhecido, foi gravado em 1912 pelo conjunto musical A Casa Faulhaber[17], mostrando que partido era só um ritmo instrumental com cordas ou sopro e sem letra, no tempo de Pixinguinha, João da Baiana, Caninha e seus companheiros, naquele começo de século passado.

Há um ditado que diz: "Toda boa roda de samba termina com partido-alto". O ritmo do partido-alto, com o refrão curto e versos de improviso em forma de desafio, como conhecemos hoje em dia, respeitando o tema do refrão, tem origem no jongo, no caxambu e nos calangos. Esses ritmos foram levados do interior dos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e do Espírito Santo para a cidade do Rio de Janeiro, pelas populações negras que migraram em função da quebra da cultura do café e se espalharam pelos morros e subúrbios cariocas.

As origens do partido-alto passam, também, pela comunidade baiana, que no final do século XIX, se instalou na região central/portuária do Rio. Esta comunidade abrigava as famosas Tias Baianas, em cujos terreiros o samba fincou raízes.

Tais ritmos continham pequenos estribilhos que mencionavam a realidade agrária do tempo da escravidão, misturaram-se à realidade urbana, criando novas caraterísticas para o improviso. Esses estribilhos eram encontrados em várias partes do Brasil. Um bom exemplo foi o Largo da Banana, em São Paulo, com a "tiri-rica" ou a batucada, o samba duro, o jogo de pernada, que aconteciam, também no Rio de Janeiro, na região da balança na Praça Onze. Esse partido-alto carioca, que ganhou o Brasil, teve muitas influências e criou um estilo próprio de ser cantado e executado.

17 Favorite Record N 1-452216

TUTE DE MADAME - Batucada (Tradicional)

Tute de madame é tute ô de madama

DONA MARIA, DEVAGAR - Batucada (Folclore)

Dona Maria devagar, mata boi sem segurá

ARRASTA A SANDÁLIA AÍ MORENA (Aurélio Gomes - Oswaldo Vasques, o Baiaco)

Arrasta a sandália aí, morena

NÃO QUERO MAIS MULHER... É MENTIRA!

Paulo Mathias *

“Não quero mais mulher

Não faço fé Com batedor, ‘xô, xô’

Eu gosto mais da orgia

Amor sem dinheiro não tem valia...”

Com esses versos de “Não quero mais mulher”, Júlio dos Santos inicia a sua pequena carreira fonográfica contrariando um dos motes principais da malandragem, uma vez que, para o compositor do Estácio, mulher e vantagem foram alguns dos principais elementos na construção da vida e obra do malandro.

Conhecido entre os antigos companheiros por “Julinho do Estácio” ou “Julinho do Violão”, nosso personagem é um dos criadores da primeira escola de samba que se tem notícia, a Deixa Falar, do bairro do Estácio. Juntamente ao também fundador e inventor do surdo, Alcebíades Barcelos, ele formava uma dupla de cavaquinho e violão nas disputas e apresentações daquela agremiação.

Os sambas “Não quero mais mulher” (Francisco Alves – Parlophon, 1929) e “Isto não se faz” (Ildefonso Norat – Brunswick, 1930) são as duas únicas composições conhecidas de Júlio dos Santos. Em “Isto não se faz”, Julinho declara que, mesmo abandonado, segue sem “dar azar”:

“Nem sempre o riso é alegria

Quantas vezes noite e dia

Nós levamos a cantar

Pra não chorar

Mas como há um ditado:

Quem espera sempre alcança

Nós vamos alimentando essa esperança

Vamos reagir

No que possa vir

Pois lutar pra vencer

É saber viver...”

Em tempo: se alguém disser que o samba está como sempre esteve, firme e forte, que o nome dos sambistas antigos segue sendo exaltado, que a tecnologia trouxe a possibilidade de novas reinterpretações, com misturas mirabolantes que dão certo e mais uma série de benesses, esquece... é mentira!



Foto: Acervo Inácio Gonçalves

Isto não se faz



Foto: Acervo Inácio Gonçalves

Não quero mais mulher

Paulo Mathias é sambista, presidente do Instituto Glória ao Samba e sobretudo, uma referência quando se trata de pesquisa e acervo sobre a história do samba.

Paulo juntamente de outros membros do Instituto, como Eduardo Pontin e Rafael LoRé, vem liderando uma pesquisa tanto documental quanto de fontes diretas, buscando nos redutos das tradicionais escolas de samba relatos de antigos bambas do lugar.

Entre as diversas contribuições de Paulo e do Instituto, está a recuperação e nova tiragem do disco perdido do acervo portelense, o Portela 59. Também são responsáveis pelo resgate de inúmeros sambas antigos, perdidos no tempo, junto as Velha Guarda de escolas tradicionais como Salgueiro, Império Serrano, Mangueira e Portela.
Paulo, que também é jornalista, vem trabalhando na biografia do seu xará, Paulo da Portela.

Akim Reis

"Foi você quem arranjou,

Meu benzinho, me deixar

Estou cansado de sofrer

Mesmo assim, não dou azar..."

Aqui, novamente o amor está presente, mas agora trazendo a reboque o orgulho ferido por ter sido abandonado, sentimentos contraditórios na vida dos compositores do Estácio, onde a grande maioria fazia questão de renegar compromissos amorosos convencionais.

Embora ainda faltem mais informações para a biografia desse esquecido sambista, um dos depoimentos de Juvenal Lopes, na década de 1970, descreve uma das atividades preferidas de Julinho: “A gente, então, já ficava esperando ele com o baralho. Ele gostava dum valete, fazia macete, escondia carta, pintava os canecos pra poder ganhar no jogo.”.

É importante destacar que os eventos são narrados entre as décadas de 1920 e 1930, sendo fundamental evitar o anacronismo e uma segunda marginalização desses personagens, sendo que esses sambistas foram vítimas de todas as violências inerentes à época.

Deixando de lado o modus operandi de malandro, a contribuição de Júlio dos Santos é de valor inestimável para o desenvolvimento do samba batucado que revolucionou a música popular brasileira. Em seu currículo consta a participação no conjunto Gente do Morro. O grupo foi a base para o regional de Benedito Lacerda e marcou uma nova maneira na execução do samba, em gravações pela Brunswick, Parlophon, Columbia, Victor e Odeon, que consistem em verdadeiros documentos históricos. Julinho ainda esteve envolvido na criação da Escola de Samba União do Estácio, em 1933, após o desaparecimento do Deixa Falar, passando pelos cargos de diretor de harmonia e, posteriormente, presidente.

Só pelo fato de ter participado da fundação de um novo modelo de organização carnavalesca e de sua inédita estrutura rítmica que desembocaria em um dos gêneros musicais mais longevos e conhecidos no mundo, Julinho merecia um capítulo à parte na história da música brasileira. Mesmo assim, ele segue como um desconhecido — mais chegado somente aos iniciados no estudo do desenvolvimento das escolas de samba cariocas.

O processo de apagamento dos nomes dos homens e mulheres que construíram o melhor da nossa música é inegável e provavelmente faltariam páginas para exemplificá-lo. Em tempos de Carnaval, onde se exaltam milhões de foliões nas ruas, bilhões na arrecadação, recorde em blocos desfilando, a reflexão que talvez ajudasse na recondução histórica desses nomes seria a de tentar entender e reconhecer que a maior festa popular do mundo só existe por causa de personagens pioneiros. Gente do calibre de Tia Ciata, Hilário Jovino, Sinhô, Pixinguinha, Donga, João da Baiana, Caninha, Mano Elói e das escolas de sambas com os nomes de Júlio dos Santos, Ismael Silva, Alcebíades Barcelos, Nilton Bastos, Getúlio Marinho, Cartola, Carlos Cachaça, Heitor dos Prazeres, Paulo da Portela, Antônio Caetano, Antônio Rufino, Antenor Gargalhada, Delphino Coelho, Manula, entre tantos outros que ainda não receberam os créditos por todos os feitos e contribuições incomparáveis para a cultura brasileira. E mesmo diante do triste quadro disfarçado com sorrisos, confetes e serpentinas, talvez a salvação esteja em acreditar na luta e na esperança vaticinadas nos versos de Ismael Silva, outro malandrinho do Estácio, em “Ri pra não chorar”:



Foto: acervo Miguel Ângelo de Azevedo, o Nirez

Júlio dos Santos (Revista Phono Arte, 30 de setembro de 1930)



Foto: Joaquim Corrêa

Finalizamos nossa imersão com um texto de Quincas Avelino sobre um dos malandros do velho Estácio de Sá, Baiaco. E POR FALAR EM ARRASTA A SANDÁLIA, de Brancura e Baiaco, agora vamos aprofundar um pouco mais os conhecimentos que permeiam nosso repertório.

"Projeto Samba de Terreiro Florianópolis durante a gravação do cd em 2002 no teatro da ubro"

“SALVE O VELHO ESTÁCIO, SALVE A MALANDRAGEM”

Quincas Avelino[18]

O antigo bairro do Estácio de Sá, no Rio de Janeiro, foi um importante reduto do samba urbano, principalmente nas décadas de 1920 e 1930. Foi lá que surgiu a organização carnavalesca Deixa Falar, considerada a primeira escola de samba, formada por um grupo de sambistas, compositores e malandros, homens que nasceram no final da década de 1890 e no início de 1900, ou seja, aproximadamente dez anos depois da abolição da escravatura no Brasil. Uns trabalhavam em fábricas, outros viviam de bicos, alguns jogavam "chapinha", carteado e também no jogo do bicho, enquanto outros se dedicavam à cafetinagem e exploravam as prostitutas[19] da Zona do Mangue, localizada ali mesmo, no Estácio.

A capacidade de movimento e trânsito desses sambistas-malandros permitiu que o samba, feito e organizado no bairro, fosse espalhado para os morros e subúrbios do Rio de Janeiro. A força da produção poética do malandro atravessou décadas e se sustentou na estrutura melódica e textual dos sambas criados na região do baixo meretrício.



No Morro de Mangueira em 1933: Nassara; Baiaco; Orestes Barbosa; Cartola; Cristóvão de Alencar e Arnaldo Amaral. Pesquisa em Jornal Quincas Avelino.

18 Quincas Avelino é pesquisador do samba carioca, doutorando em Literatura pela UFSC. Há cinco anos revira arquivos, base de dados e jornais antigos em busca das narrativas dos sambistas e malandros do antigo Estácio.
19 A ideia do texto é entender o samba e a malandragem como ação de resistência de maneira crítica e isso não significa defender ou concordar com a reprodução de algumas violências, principalmente a violência contra a mulher.

Foi no Estácio que o malandro encontrou no samba um suporte para sua credencial, vislumbrando sua capacidade subjetiva de relatar o mundo em que vivia (muitas vezes violento). O nome do malandro passou então a estampar as capas de discos, partituras e a compor os teatros de revista da época, ganhando, assim, algum destaque e protagonismo. No encontro do malandro do Estácio com o samba, alguns elementos foram incorporados, como a “caixa surda”, instrumento de marcação criado por Alcebíades Maia Barcelos (1902-1975), o Bide, que hoje conhecemos como surdo; o tamborim; a cuíca; o prolongamento das notas no final dos versos e a própria estrutura da letra do samba, com o refrão sendo repetido ao longo da canção, e por último, um elemento muito importante: o uso assegurado da síncope do malandro.

Nesse sentido, o samba, manifestação da cultura afro-brasileira, pode ser entendido como expressão de resistência, como bem definido por Candeia na década de 1970, seguido por Muniz Sodré e Nei Lopes: “Se o samba é resistência, logo a malandragem também é!”

Um dos fundadores da "Deixa Falar" e assíduo nas rodas da malandragem foi Oswaldo Caetano Vasques, nascido em 2 de junho de 1901, no bairro de Botafogo. Ele ficou conhecido como Baiaco, um homem racializado, órfão de pai e mãe aos 9 anos de idade, em 1911. Foi o segundo filho de um total de cinco. Seu avô, Abel Caetano Vasques, que era seu padrinho de batismo, faleceu em 1914, deixando o menino Baiaco e suas irmãs desassistidos. Da infância e adolescência de Baiaco junto de suas irmãs pouco se sabe. Na juventude, a partir de 1917, ele acumulou inúmeras passagens por delegacias, pela Casa de Detenção, pela Casa de Correção e pela Colônia Dois Rios – em Ilha Grande – registradas tanto em arquivos policiais quanto nas páginas dos jornais da época. O sambista, que carregava no braço esquerdo uma tatuagem com o nome de Maria e um coração, e no direito: uma cruz.

O exemplo de Baiaco é relevante, pois nos ajuda a entender o contexto do sambista, que viveu até o ano de 1935, sem se casar, sem deixar filhos e sem deixar bens, mas com nove sambas registrados em seu nome.

Em ordem cronológica, os sambas de sua autoria são: "Tenho uma nega" (nº 65595-2); "Vejo lágrima", assinado com Ventura (nº 22165-B), lançado em dezembro de 1932 pela gravadora Columbia. No mesmo disco, "Arrasta a sandália", assinado com Aurélio Gomes[20] . No ano de 1933, Baiaco aparece como autor de quatro sambas, gravados para dois discos com duas músicas em cada lado. São eles: "Fita os meus olhos", onde o nome de Baiaco aparece junto ao de Cartola (Angenor de Oliveira, 1908-1980), lançado pela Columbia (nº 22221-B); no outro lado do disco, um samba assinado por Bucy Moreira (1909-1982), neto de Tia Aciata, e Baiaco: "Por que será?", ambos cantados por Arnaldo Amaral (1912-1985). No disco da gravadora Columbia (nº 22221-B), também estão os sambas "Rindo e chorando", em parceria com Bucy, e "Se passar da hora", ambos na voz de Arnaldo Amaral, com arranjo e acompanhamento do Grupo de Pixinguinha. Em 1934, o nome de Baiaco aparece em "Quem mandou Iaiá" (nº 22262-B), em parceria com Benedito Lacerda (1903-1958), pela gravadora Columbia, na voz de Arnaldo Amaral, e em "Conversa puxa conversa", assinado com João dos Santos, pela gravadora Victor (nº 33800).

20 Reza a lenda que foi um golpe dado em um botequim do Estácio, embora o malandro tenha defendido sua autoria em uma entrevista para o jornal O Globo, na qual afirmou ser o verdadeiro compositor do samba.

Baiaco trabalhou junto a Benedito Lacerda e ao grupo Gente do Morro, porém seu nome não aparece nos registros como componente do grupo. O sambista-malandro também participou do grupo de músicos da orquestra de gravações para a Columbia e, no final da vida, tocou na orquestra Lute-Bateria do Copacabana Palace, dirigida por Simon Boutman (1905-1981), tocando pandeiro. Em paralelo ao trabalho como músico, também era cafetão na Zona do Mangue, foi vizinho de Mano Edgard (1899-1931) e figura conhecida nas delegacias, principalmente a do antigo 9º Distrito Policial. Nesse período, a venda e a troca de sambas era comum, muito por conta do direito autoral e da produção intelectual não estarem bem definidos, assim como a organização do recolhimento. Corre, inclusive, a versão de que Baiaco não compunha, o que pode ser confirmado se juntarmos os depoimentos que citam o malandro do Estácio.

Devido a sua malandragem, Baiaco circulava facilmente pela cidade, buscando oportunidades e "dando volta nos otários" em companhia de Sylvio Fernandes Lima (1900-1943), o malandro Brancura. Uma das tarefas que assumiu foi a de agenciador do cantor Francisco Alves (1898-1952), ou seja, Baiaco era responsável pela compra de sambas para o cantor, conforme relatou Carlos Cachaça (1902-1999) em entrevista ao jornalista Sérgio Cabral: “Na época da maré braba, a gente saía por aí para vender samba. Baiaco era o secretário de Francisco Alves e era também o encarregado de comprar os sambas.”

O que não é muito falado em relação a Baiaco é que sua sensibilidade e faro musical influenciaram um compositor não tão conhecido da época — o Cartola da Mangueira. Segundo o próprio Cartola, Baiaco foi o responsável por duas importantes situações. A primeira foi apresentar ao jovem mangueirense o centro da cidade, os cafés, as pessoas, os estúdios, cantores e cantoras. Em segundo lugar, foi ele quem revelou a Cartola seu grande potencial, mesmo que esse reconhecimento ocorresse muitos anos depois, na década de 1970. Porém, a previsão de Baiaco estava correta: Cartola teve uma obra magnífica e, de alguma maneira, foi reconhecido por sua produção. O senso de sucesso do malandro estava certo.

O que Cartola revelou, em depoimento para o pesquisador Roberto Moura, é que seu potencial foi reconhecido pelos malandros do Estácio em suas primeiras composições e por isso ele parou de vender os sambas, pois começou a gravar como instrumentista por meio das articulações de Baiaco. Anos mais tarde, Cartola fez um samba com Nelson Sargento (1924-2021) chamado “Velho Estácio”, para homenagear os malandros do bairro.

Por fim, o proceder do malandro do Estácio pode ser visto como uma estratégia de resistência. Ele se utilizava do movimento para fazer a mediação entre os compositores, os cantores e as gravadoras. Não à toa, mesmo não sendo considerado por muitos um compositor, Baiaco tem seu nome em composições da década de 1930. Uma delas, inclusive, é cantada nas rodas do Samba de Terreiro em Florianópolis.

Arrasta a sandália, aí morena,
Arrasta a sandália, aí morena.
Vou te dar uma sandália bonita,
De veludo enfeitada de fita.
Arrasta a sandália, arrasta.

PARA ENTENDER O SAMBA COMO UMA EXPRESSÃO DE RESISTÊNCIA, INDICAMOS OS SEGUINTES LIVROS:

FILHO, Antonio Candeia; ISNARD, Araújo. Escola de samba: árvore que esqueceu a raiz. Nova Iguaçu: Carnavalize, 2023.

SODRÉ, Muniz. Samba, o dono do corpo. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

LOPES, Nei. Partido alto: samba de bamba. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

MATOS, Cláudia. Neiva. Acertei no milhar: samba e malandragem no tempo de
Getúlio. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

DEATRY. Giovanna. No fio da navalha- a malandragem na literatura e no samba. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2022.

Para conhecer um pouco mais a história dos malandros do Estácio sugiro a leitura de:

CABRAL, Sérgio. As Escolas de Samba do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Lumiar, 1996.

FRANCESCHI, Humberto. Samba de sambar do Estácio de 1928 a 1931. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2010.

OLIVEIRA FILHO, Arthur de. Pioneiros do Samba – Série Depoimentos por Arthur de Oliveira Filho. Rio de Janeiro: MIS-RJ/Faperj, 2002.

Referência complementar

BARCELLOS, A. Depoimento para a posteridade de Alcebíades Barcellos ao Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Acervo MIS-RJ, 1968.

CARVALHO, Luis Fernando. Ismael Silva: samba e resistência. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

CUNHA, Maria. Não tá sopa: sambas e sambistas do Rio de Janeiro de 1890 a 1930. Campinas: Editora da Unicamp, 2015.

MOURA, Roberto .M. Cartola: todo o tempo que eu viver. Rio de Janeiro: Corisco Edições, 1988.



Pesquisa Guina Souza



Intercâmbio SAMBA DE TERREIRO

Florianópolis • SC | Brasil



O Projeto Samba de Terreiro Florianópolis vem promovendo, ao longo desses oito anos de existência, o intercâmbio com familiares de compositores e se conectando com uma nova geração de sambistas que se propõem a estudar, difundir e preservar o samba de terreiro.

Acompanhe nosso trabalho nas redes sociais

sambadeterreiro

sambadeterreirofloripa